Estados Gerais da Psicanálise: Segundo Encontro Mundial, Rio de Janeiro 2003

Tema 4 : A mediatização e o horizonte do espaço virtual

Sub tema: 4.a - O declínio do prestígio e da difusão psicanalítico

PSICANÁLISE E DESTINOS DA SUBJETIVIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

Prof. Dr. Vincenzo Di Matteo

Depto. de Filosofia da UFPE

Resumo

Pretendo, nesta Comunicação, lançar um olhar retrospectivo e prospectivo sobre o lugar da psicanálise no movimento da cultura contemporânea, focalizando as repercussões das teorias psicanalíticas na construção de discursos sobre a subjetividade, quer se inscrevam no horizonte cultural de um questionamento do sujeito da modernidade, quer de um seu desaparecimento diante do mudado contexto cultural, do avanço das neurociências e da eficiência dos tratamentos farmacológicos. A tese que se quer defender é que os modelos teóricos construídos pela psicanálise para dar conta da subjetividade, foram e continuam fecundos a despeito do adverso quadro cultural contemporâneo.

Palavras chaves: **psicanálise, subjetividade, contemporaneidade**

*O século XIX
foi realmente o século da psiquiatria,
e se o século XX
foi o da psicanálise,
podemos perguntar-nos se o próximo
não será o século das psicoterapias.
E. Roudinesco*

A psicanálise, já centenária, tenta justificar sua existência¹ e o II Encontro Mundial dos Estados Gerais da Psicanálise, num de seus sub-temas, parece interrogar-se quanto ao declínio do prestígio e da difusão psicanalíticos.

Sem as credenciais de um historiador do século XX e, menos ainda, de um profeta do séc. XXI, pretendo, nesta Comunicação, lançar um olhar retrospectivo e prospectivo

¹ Cf. o título significativo, nesse sentido, do último livro de E. Roudinesco: *Por que a Psicanálise?* Rio de Janeiro: Zahar, 2000. A epígrafe desta Comunicação se encontra na p.53.

sobre o lugar da psicanálise no movimento da cultura contemporânea, focalizando as repercussões das teorias psicanalíticas na construção de discursos sobre a subjetividade, quer se inscrevam no horizonte cultural de um questionamento do sujeito da modernidade, quer de um seu desaparecimento diante do mudado contexto cultural, do avanço das neurociências e da eficiência dos tratamentos farmacológicos. A tese que se quer defender é que os modelos teóricos construídos pela psicanálise para dar conta da subjetividade, foram e continuam fecundos a despeito do adverso quadro cultural contemporâneo.

1. Psicanálise e subjetividade: um olhar retrospectivo.

Mesmo que inexista, no discurso freudiano, uma tematização da questão do sujeito, é possível identificar um conjunto de textos metapsicológicos, clínicos e metaculturais que permitem inferir uma problemática da subjetividade. Fundamentalmente, há uma recusa radical em identificá-la com a consciência, ao situar a psicanálise no eixo do descentramento copernicano e darwiniano.

A idéia fundamental que perpassa as três revoluções (cosmológica, biológica e psicológica) é a de um *descentramento* do sujeito.² Essa metáfora, já condensa em Freud uma pluralidade de sentidos. Não é apenas o descentramento da consciência para o inconsciente, mas também do eu para o outro (narcisismo) e já se anuncia o maior e o mais radical dos descentramentos, da consciência e do inconsciente para a pulsão.

Esse descentramento psicanalítico não é propriamente de natureza diferente daqueles que retiraram o homem do centro do cosmos e da vida, apenas explicitam o que os outros dois já anunciavam ao retirar do homem a última ancoragem de sua

² Cf. FREUD, S. Uma dificuldade no caminho da psicanálise. Vol. XVII da Ed. Standard Brasileira (ESB), p.171-179.

pretensa superioridade. O eu não é autônomo, não é o centro nem mesmo do microcosmo do próprio psiquismo. Contra o discurso religioso que sempre viu o homem como um ser de exceção, Freud denuncia essa autocompreensão narcísica. e a submete à crítica da razão científica.

Afirmar que o ego não é senhor em sua própria casa decorre de duas descobertas da psicanálise que se remetem reciprocamente: a de que a sexualidade ou a vida de nossas pulsões sexuais não é inteiramente domável e a de que os processos mentais são, em si, fundamentalmente inconscientes.

Para dizer essas novidades Freud não recorre à linguagem filosófica, mas a modelos e conceitos retirados da física, química, biologia e neurofisiologia de seu tempo. As recorrentes metáforas energéticas, biológicas e até hidráulicas para explicar o funcionamento do aparelho psíquico pareciam situar a psicanálise no campo da ciência, mas insinuavam uma redução do humano ao biológico e natural.

São compreensíveis as inúmeras resistências iniciais à psicanálise, sendo que as mais “teóricas” a essa nova concepção de homem que emergia das teorias psicanalíticas vieram do campo da medicina e da filosofia. A primeira, desconfiando da cientificidade da psicanálise; a segunda, de seu injustificado positivismo.

Em vários escritos, Freud aborda, explícita ou implicitamente, esse tema das resistências.³ Conforme, porém, suas palavras proféticas, “essa resistência não pode durar para sempre. Nenhuma instituição humana pode, em longo prazo, escapar à influência da crítica legítima.”⁴

Nesse sentido, a cultura de massa não tardará a se apropriar acriticamente da terminologia psicanalítica, com o risco de reduzir a psicanálise a uma espécie de

³ Cf. *História do movimento psicanalítico* (1914); *Uma dificuldade no caminho da psicanálise* (1916); final da *XVIII das Conferências Introdutórias à psicanálise Fixação em traumas*; *O inconsciente* (1916); *As resistências à psicanálise* (1925)

⁴ FREUD, S. *As resistências à psicanálise*. Vol. XIX da ESB, p.273.

religião secularizada que tem resposta para tudo (Freud explica), uma proposta ética menos exigente (liberação sexual), uma consoladora promessa de felicidade (uma existência sem culpa). A própria psiquiatria e filosofia se abriram progressivamente as provocações teóricas da psicanálise, mas se depararam com um problema hermenêutico: como articular o Freud crítico da modernidade com aquele imbuído do espírito da *Aufklärung*. Segundo Laplanche,⁵ a revolução copernicana de Freud parece sofrer recaída de recentramento ptolomaico ao querer domesticar o inconsciente sob o senhorio do Ego, conforme a celebre frase *Wo Es war* (onde o Id estava), *Soll Ich werden* (deve o Ego advir).⁶

Essas ambivalências freudianas estão na origem de várias interpretações e construções teóricas, que se sucederam ao longo do primeiro século da psicanálise, articulando inconsciente, subjetividade e cultura.

Dentro da “geopsicanálise”,⁷ tomaremos como exemplo paradigmático das divergentes interpretações do inconsciente freudiano as Jornadas de Bonneval (1960).⁸ Não era a primeira vez que se reuniam psiquiatras e psicanalistas para confrontar suas posições com relação à loucura e especificamente ao inconsciente freudiano. Já em 1946, os adeptos de um “inconsciente biológico” e de um “inconsciente mais lingüístico” tiveram oportunidade de expor seus pontos de vista.⁹ Desta vez, porém, foram convocados psiquiatras, filósofos de renome e psicanalistas

⁵ Cf. LAPLANCHE, J. *La révolution copernicienne inachevée*. Paris: Aubier, 1992.

⁶ FREUD, S. A dissecação da personalidade psíquica. In: *Novas Conferências Introdutórias à Psicanálise*. Vol. XXII da ESB, p.102.

⁷ Segundo E. Roudinesco, o termo foi proposto por Derrida e remete aos modos específicos de implantação da psicanálise nas diversas partes do mundo. Cf. *Por que a psicanálise*. Op. cit., p.108.

⁸ O Encontro foi organizado por Henri Ey. As quatro jornadas cobrem os últimos dois dias do mês de outubro e os primeiros do mês de novembro. Os resultados do Evento foram publicados mais tarde, em 1966. Cf. *O inconsciente. Colóquio de Bonneval. Vol.1*. Trad. José Batista. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1969.

⁹ Cf. EY, H. Prefácio. In: *O inconsciente. Vol.1*. Op. cit., p. 9.

das duas tendências (Sociedade Psicanalítica de Paris e Sociedade Francesa de Psicanálise) pertencentes à chamada terceira geração.¹⁰

Não nos deteremos na análise das peças tomadas isoladamente desse complexo jogo de saber e de poder em que as Jornadas se transformaram. Tanto para Lacan, quanto para Ey, Bonneval não representava apenas um encontro científico, mas um verdadeiro acontecimento político, o que talvez possa explicar ‘certos desvios de linguagem, certas atitudes polêmicas lastimáveis’ que ameaçaram transformar o Simpósio em ‘circo’.¹¹

Bonneval mostra - além das divergências - que a psiquiatria dinâmica, no decorrer da primeira metade do séc. XX se aproximou bastante da psicanálise ao tentar explicar o psiquismo não apenas a partir do modelo nosográfico da psiquiatria positivista mas também do modelo cultural, fenomenológico e psicoterápico.

Os filósofos, por sua vez, estão dispostos a repensar seu ‘sim’ ao método e ‘não’ à doutrina da psicanálise, abrindo-se para um certo ‘realismo’ do inconsciente. “A psicanálise - escreve Merleau-Ponty (1960) - com suas metáforas energéticas e mecanicistas conserva o limiar de uma intuição que é uma das mais preciosas do freudismo: aquela de nossa *arqueologia*”.¹² Esse conceito de arqueologia do sujeito será retomado por Ricoeur no *Ensaio sobre Freud* (1965) e considerado o que determina o lugar filosófico do discurso psicanalítico.¹³

Os psicanalistas, enfim, mostram que há divergências teóricas significativas a respeito da teoria e da clínica freudiana. Pode-se afirmar que duas concepções de

¹⁰ Os psiquiatras são representados por Georges Lantéri-Laura, Sven Follin, Claude Blanc, François Tosquelles e René Angelergues. Os filósofos, por Paul Ricoeur, Maurice Merleau-Ponty, Henri Lefebvre, Alphonse De Waelhens e Jean Hyppolite. Os psicanalistas da SPP, por Serge Lebovici, René Diaktine, André Green e Conrad Stein. Os psicanalistas da SFP, por Serge Leclaire, François Perrier, Jean Laplanche e J.-B. Pontalis. Lacan é convidado a título de amizade pessoal, mas sem direito a nenhuma exposição.

¹¹ Cf. EY, H. Prefácio. In: *O inconsciente*. Op. cit., nota 1, p.10.

¹² MERLEAU-PONTY, M. Préface. In: HESNARD, A. *L'oeuvre de Freud*. Paris: Payot, 1960, p.9

¹³ RICOEUR, P. *De l'interprétation. Essai sur Freud*. Paris: Seuil, 1965, p.407

psicanálise se confrontavam: uma que a situava no campo da neurofisiologia; outra, da fala e da linguagem. De um lado uma prática terapêutica perpassada - na Inglaterra e na América - pela ideologia da teoria do *eu autônomo*; do outro, aquela que pretendia resgatar a revolução freudiana da subjetividade. A psicanálise não podia ser um instrumento de adaptação, uma utopia ou ideologia da felicidade, mas a instância crítica da normalização da subjetividade. No auge do estruturalismo, não foram poucos os intelectuais que viram na psicanálise e no retorno a Freud de Lacan a confirmação de um trabalho de desconstrução do sujeito da Modernidade que perpassa também a filosofia heideggeriana, a filosofia analítica, a pesquisa antropológica de Lévi-Strauss. Na realidade, nascia um novo e desconcertante discurso sobre o sujeito que se desatrelava da metafísica da subjetividade para situar-se no registro da linguagem e do Outro.

Em suma, é inegável a função socrática desempenhada pela psicanálise – na metade do século passado - quando problematizou o suposto saber da filosofia, psiquiatria e ciências humanas sobre o homem. Teriam sido aqueles – como os define E. Roudinesco - “nossos mais belos anos”?¹⁴ Assistiríamos, hoje a um certo declínio da psicanálise depois de nos ter proporcionado uma das maiores mudanças na auto-imagem da raça humana?¹⁵

Evidentemente, o contexto histórico cultural atual não é mais o daquela época e os psicanalistas se interrogam, questionam e buscam as alternativas teórico-clínicas para dar conta das novas demandas. Estudos avaliativos do impacto teórico e mediático da psicanálise se multiplicaram especialmente por ocasião do cinquentenário da morte de Freud e da passagem do século. A psicanálise foi como que obrigada a deitar-se no divã, que ela própria inventou, para falar de si mesma e de suas inquietações.

¹⁴ ROUDINESCO, E. *História da Psicanálise na França. A Batalha dos Cem Anos. Vol.2: 1925-1985.* Rio de Janeiro : Jorge Zahar Editor, 1986, p.297

2. Psicanálise e Subjetividade: um olhar prospectivo.

Sem a pretensão de emitir um diagnóstico exaustivo de nossa cultura contemporânea, menos ainda consensual, apenas como estímulo à reflexão, enumero algumas de suas características apenas para registrar as ressonâncias mediáticas, sobre os prováveis destinos da subjetividade.

Nas últimas décadas, o mundo conheceu macro mudanças político-econômico-culturais que desaguaram no fenômeno complexo e ambivalente da globalização.

No vácuo deixado pelo enfraquecimento dos referenciais éticos judaico-cristãos e declínio da ideologia igualitária, assistimos a um avanço perturbador de um certo pragmatismo cínico que passou a regular as relações internacionais, nacionais, sociais, profissionais e até pessoais.

O que é possível esperar da psicanálise nesse novo contexto cultural marcado por uma economia globalizada, uma cultura narcísica e do espetáculo, uma sociedade depressiva, uma crescente psiquiatrização biológica das doenças do espírito, enfim, pela substituição do homem trágico da psicanálise enredado nos seus conflitos pelo homem comportamental que busca regular seus 'distúrbios' por psicotrópicos e não mais pelo ultrapassado remédio psicanalítico?

Há, de fato, uma certa substituição do *homo psicologicus* pelo *homo comportamentalis*, uma diminuição do espaço da subjetividade e um avanço tecnológico e farmacológico que pretendem regular antigas e novas formas de sofrimento, atuando prevalentemente, quanto não exclusivamente, sobre o físico, o biológico, o neurofisiológico.

¹⁵ Cf. a resposta de Richard Rorty à pergunta qual o seu 'livro do século'. Ele coloca as *Aulas sobre a Introdução à Psicanálise* de Freud – como parte pelo todo da obra freudiana – no mesmo nível dos *Principia Mathematica* de Newton e o *Surgimento das Espécies* de Charles Darwin. (Die Zeit 21/1999)

A partir dos anos 80, paradoxalmente quando os discursos sobre um 'retorno do sujeito' se tornam cada vez mais freqüentes,¹⁶ é possível registrar um progressivo distanciamento entre psiquiatria e psicanálise.¹⁷ A subjetividade é ignorada no campo da pesquisa das neurociências, da neurobiologia, neurofisiologia, neuropsicologia, inteligência artificial.

Ao lado do discurso médico-científico das neurociências, a sociedade de massa, de consumo e do espetáculo veicula seu próprio discurso redutor da subjetividade à exterioridade corporal e intensidade e transitoriedade das sensações.

Enfim, a paranóia terrorista ou pura e simplesmente os interesses de governos e de grandes corporações parecem reduzir cada vez mais o espaço de privacidade, tornando os sujeitos mais vigiados e normatizados.

Talvez seja por causa disso tudo que a pergunta pelo humano se recoloca com toda sua inquietante dramaticidade e a psicanálise é desafiada a enriquecer o já vasto vocabulário que inventou para descrever nossas subjetividades.

Nesse sentido, descontando as razões que podem ser filhas do desejo e, portanto, da ilusão, creio que existam razões plausíveis para acreditar que a psicanálise – graças ao seu pluralismo teórico e clínico - continuará a desempenhar a função socrática de questionar o saber sobre nós mesmos; ensaiar respostas para o eterno imperativo do oráculo 'conhece-te a ti mesmo', atualizado em 'constrói-te a ti mesmo'; animar as múltiplas manifestações da cultura.

É provável, porém, que as descrições psicanalíticas do humano terão que competir com outras provenientes dessas ciências novas com impacto mediático mais forte e pragmaticamente mais eficiente. Paradoxalmente, após um século em que a

¹⁶ Cf. especialmente as comunicações sobre o tema apresentadas no Colóquio de 9 a 19 de julho sob os auspícios do Centro cultural Internacional de Cerecy-la-Salle recolhidas e publicadas pelos diretores GUIBERT-SLEDZIEWSKI, E. e VIELLARD-BAON, J.L. *Penser le sujet aujourd'hui*. Paris: Méridiens, 1988.

psicanálise desempenhou um papel relevante na crítica à concepção idealista do sujeito, o novo século se abre com um desafio inverso: problematizar o risco organicista e reducionista.

É verdade que, quanto ao futuro da psicanálise no mundo da ciência em geral e da psiquiatria em particular, o discurso de Freud destaca o caráter introdutório e provisório de suas explicações. “Podemos prever – escreve em *Dois verbetes de Enciclopédia* – que o futuro dará origem a uma psiquiatria científica, à qual a psicanálise serviu de introdução”.¹⁸ Ao admitir que os avanços da farmacologia um dia poderiam até acabar com a cura pela fala,¹⁹ Freud não se apresenta como um profeta ou um terapeuta da humanidade para aliviá-la da angústia diante dos desafios que os avanços da biologia e da genética projetam num futuro próximo. Força-nos, porém, a pensar para neutralizar - até onde for possível – não apenas as ideologias idealistas do consciencialismo, mas também as científicas do orgânico e do químico, lembrando-nos a difícil tarefa ética de tornar-se sujeito.

A psicanálise encontra-se entre o já conhecido do cérebro e o ainda ignorado. Neste espaço que não é nem da anatomia, nem da química, nem da física, situa-se a pesquisa psicanalítica ao reivindicar uma certa autonomia e importância de suas descobertas sobre o mundo humano, integrando indissociavelmente cérebro, mente e o mundo da história e da cultura.

Freud e a psicanálise, que dele se originou, são portadores de um pensamento dramático e até trágico sobre o sujeito, mas não niilista.

O trágico aponta para uma série de dificuldades que nenhum avanço tecnológico ou farmacológico poderá contornar, como a de tornar-se adulto (a infância como destino); saber amar (caráter errante do desejo); conhecer-se em profundidade (inconsciente);

¹⁷ Cf. a evolução do *Manual diagnóstico e estatístico dos distúrbios mentais (DMS)*. ROUDINESCO, E. *Por que a psicanálise*. Op.cit., p.47-52.

¹⁸ FREUD, S. *Dois verbetes de enciclopédia*. Vol. XVIII da ESB, p.304.

lidar com conflitos (Ego, pobre diabo, servindo a três senhores); ser ético e não apenas moral (superego); assumir o trágico da cultura, evidenciado na luta de gigantes entre Eros e Tanatos e, enfim, o desamparo fundamental e a impossibilidade de 'ser feliz.'²⁰

O discurso construtivo da psicanálise aponta para a necessidade de cada um criar sua própria 'estética da existência', buscando ampliar a própria criatividade e o direito de experimentar novos estilos de ser. O que não implica indiferença social e fechamento da esfera privada àquela pública, na medida em que para a liberdade experimentadora do sujeito existirá sempre o limite ético da dor e do sofrimento do outro.

Se a psicanálise não será mais um farol, não deixa de ser uma luz ainda indispensável a iluminar a existência humana. Nesse sentido, é muito improvável que se possam ignorar ou esquecer a constelação semântica da subjetividade psicanalítica: Édipo, Narciso, Eros, Ananke, Tanatos, Pulsão, Inconsciente, Id, Superego, Libido, Resistências, Recalque, Identidade, Sublimação, Transferência, Demanda, Desejo, Desamparo, Falta, Outro, Falo, Imaginário, Simbólico, Real, Sujeito do Inconsciente, Objeto psicanalítico, Objeto Transicional, Verdadeiro e Falso Self e tantos outros significantes que venham a ser inventados para nos auxiliar a 'saber ser, saber fazer, saber conviver'.

¹⁹ FREUD, S. *Esboço de Psicanálise*. V. XXIII da Ed. Standard Brasileira, p.210.

²⁰ Cf. FREUD, S. *O mal-estar na civilização*. Vol. XXI da ESB, p.102